

FORMANDO O PROFESSOR REFLEXIVO – ANÁLISE DA PRÓPRIA PRÁTICA DOCENTE POR ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS DA UFPE

Resumo: Esta pesquisa se insere no quadro teórico da epistemologia da prática, conceito largamente empregado hoje nos estudos sobre o estágio curricular. A partir dessa pesquisa foram analisados os modos como os estagiários atribuem sentidos às experiências vividas no estágio curricular de regência de classe, buscando perceber as implicações do estágio para a sua formação profissional. Os dados foram coletados através de gravação em áudio das apresentações dos seminários de conclusão da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Português 3 (regência de turma do 2º segmento do ensino fundamental) do curso de licenciatura em Letras-Português da UFPE, nos quais os licenciandos fizeram relatos descritivos e analíticos do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa regido no ambiente escolar. Também foram analisados os relatórios de estágio apresentados por esses mesmos licenciandos. A análise dos dados revelou que o estágio é a experiência singular por meio da qual o licenciando aprende de fato o que é ser professor, além de se constituir enquanto profissional.

Palavras chave: estágio curricular; formação profissional; docência; teoria e prática.

Abstract: Abstract: This research is within the theoretical framework of epistemology of practice, concept widely used today in studies of the traineeship. This research analyzed the ways in which trainees give sense to the experiences of the regency's traineeship class, seeking to realize the implications of the traineeship for their professional training. The dates were collected through audio recording of the seminars' presentations that concluded the discipline of Supervised traineeship in Portuguese 3 (class rule of the 2nd segment of elementary school) which comprise the course of degree in Letters-Portuguese of UFPE, where the licentiate made descriptive and analytical reports of the Portuguese language teaching-learning process governed in the school environment. Also were analyzed the traineeship reports presented by these licensees. Data analysis revealed that the stage is a unique experience through which the licensing learn actually what is to be a teacher, in addition to being as professional.

Keywords: traineeship; professional qualification; teaching; theory and practice.

1. INTRODUÇÃO

A realidade problemática do ensino de língua portuguesa no Brasil tem sido um desafio enfrentado por aqueles que estreiam na carreira docente. Os jovens professores se veem diante de inúmeros dilemas travados dentro da sala de aula e da escola como um todo, os quais os têm levado a entender que a teoria aprendida na universidade não tem qualquer relação com a prática vivenciada no contexto escolar. Cria-se, portanto, a impressão de haver um hiato entre aquilo que se aprende e a aplicação prática do que se

aprende, uma visão dicotômica de teoria e de prática, que revela uma falha no momento de formação de professores a qual não pode deixar de ser investigada.

Alguns autores, tais como Diniz-Pereira, 2010; Lima, 2008 e Siqueira e Messias, 2008, apontam para a relevância da integração entre os conhecimentos teóricos e práticos ao longo do processo formativo. Afim de que se promova uma prática crítica e reflexiva que supere o modelo, predominante no ensino brasileiro, de mera aplicação de saberes teóricos, o qual tem promovido no professor de língua materna a sensação de que os saberes teóricos aprendidos na universidade em nada serviram a suas experiências na prática.

Entende-se que o estágio é o *lócus* fundamental para tal investigação. É por isso que Lima (2008) defende que este não deve ser entendido como apenas mais uma disciplina com questionamentos passageiros, mas sim como um dos mais importantes eixos dos cursos de formação de professores. Concordantemente, reconhecemos aqui que o estágio é de fato o

[...] espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional, que permeia as outras disciplinas da formação, no projeto pedagógico dos cursos de formação, mas é o *lócus* da sistematização da pesquisa sobre a prática, no papel de realizar a síntese e a reflexão das vivências efetivadas. (p. 198)

Diante disso, e justamente por ser o estágio esse momento de constituição da identidade profissional docente, é que ele é o cerne da nossa pesquisa. Procuramos, através de uma pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa, analisar e discutir os diferentes significados e funções do estágio curricular supervisionado do curso de Licenciatura em Letras-Português da UFPE, atentando para a forma como o estagiário vivencia e interpreta sua própria prática de professor de português da educação básica durante o estágio de regência de turma.

Para tanto, foram utilizados como instrumentos de coleta, gravações em áudio das apresentações dos seminários de conclusão da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Português 3 (regência de turma do 2º segmento do ensino fundamental), além dos relatórios de estágio desses mesmos licenciandos.

2. ANÁLISE DOS DADOS

Na qualidade de critérios de análise procuramos observar (i) os planejamentos de ensino, os projetos didáticos e a aplicação/síntese dos saberes disciplinares, (ii) a forma como o estagiário vê a prática do outro e a sua própria prática, identificando nelas dificuldades e potencialidades, (iii) a contribuição do estágio para a formação

profissional do estudante de Letras e os sentidos que o estagiário atribui ao vivido, (iv) a capacidade propositiva do estagiário frente às situações vividas na escola, prioritariamente aquelas que envolvem decisões sobre o quê, para quê e como ensinar-avaliar e (v) o papel do professor supervisor na construção da prática do professor em formação.

2.1 Critério I: Elaboração didática: os planejamentos de ensino, os projetos didáticos e a aplicação/síntese dos saberes disciplinares

De acordo com Monteiro (2001, p.121), “o professor é aquele que ensina alguma coisa a alguém”. Isto é, ainda em concordância com a autora, o constituinte essencial da atividade docente é o seu objeto de ensino, os saberes disciplinares os quais fazem dos professores de língua portuguesa, professores de português e não de outras disciplinas quaisquer.

Nos relatos dos seminários foi notável que os saberes disciplinares da área de referência, no caso a língua portuguesa, tiveram pouca atenção por parte dos licenciandos. Os estagiários, em suas apresentações, deram somente indícios da didatização, com informações muito superficiais acerca de como fizeram para ensinar língua portuguesa de fato. As demandas e questões emergenciais da escola em diversos aspectos acabam por tirar o foco do estagiário daquilo que lhes constitui professor. Como se pode ver em uma das exposições:

“Meu objetivo principal com esse projeto [foi] conscientizar os alunos sobre a existência de um mundo fora da escola e sobre a importância do conhecimento produzido ao longo da vida escolar.” (Relato 1)

A estagiária do relato 1 deixa claro que o principal objetivo do seu projeto está relacionado não à língua portuguesa em si, mas à questões mais materiais e aparentes, que a levaram a entender que os alunos necessitavam de estímulo e motivação para os estudos.

É evidente que o aluno enquanto indivíduo singular não deve ser retirado de seu contexto de vida e de formação. No entanto, o principal objetivo de um professor de português deveria ser ensinar a língua portuguesa em seus eixos. Monteiro (2001, p.121) indica que as questões culturais, sociais e políticas, relacionadas à aprendizagem

são aspectos importantes da atividade educativa, todavia, o constituinte essencial da atividade docente seria a relação dos professores com os saberes que eles ensinam.

Em outro trecho de seu relato, a estagiária 1 começa a falar acerca do eixo oralidade:

“Outra coisa que a gente trabalhou, pra trabalhar o eixo de oralidade, foi em relação à PEC das domésticas, os direitos que as domésticas conquistaram. E aí eles ficaram bem curiosos... E eu disse “Pronto... Oralidade... Debate... Eu vou ter que mediar um debate regrado... Explicar pra eles como funciona um debate regrado... Será que eles vão realmente debater? Vamos lá, né... Aí a professora supervisora, ela não ficou comigo na sala o tempo inteiro [...]” (Relato 1)

Observa-se que nesse momento a estagiária começa a falar a respeito do eixo oralidade, e sobre como a intimidou o fato de que iria precisar mediar um debate regrado. Logo em seguida, ela começa a falar da contribuição da professora supervisora e não conclui a informação relativa ao eixo, deixando em aberto como se deu o ensino e o modo como ocorreu a realização do debate.

É válido ressaltar que a didatização parece ficar mais clara em alguns relatórios escritos, já que neles os licenciandos mostram textos utilizados na regência e instrumentos de avaliação. Mesmo assim, o ensino de língua, de fato, é ainda relatado de modo em certa medida superficial. Como se pode constatar a partir do recorte de um dos relatórios escritos:

“Quanto ao eixo de escrita, propusemos a realização de uma propaganda institucional que se relacionasse ao tema violência. Os alunos criaram propagandas sobre abuso infantil, violência contra a mulher, violência nas escolas, violência urbana. O processo de execução foi dividido em três partes: criação do esboço, reescrita e produção final. As produções ficaram ótimas, obedecendo aos aspectos organizacionais do gênero.” (Relato 3)

2.2 Critério II: A forma como o estagiário vê a prática do outro e a sua própria prática, identificando nelas dificuldades e potencialidades

Lima (2008), de maneira acertada, define o estágio como o momento de aprendizagem da profissão docente, porque efetivamente é o momento no qual o futuro professor faz as primeiras reflexões acerca da própria prática. Consoante Garcia (2010):

“O conhecimento está situado na ação, nas decisões e nos juízos feitos pelos professores. Esse conhecimento é adquirido por meio da experiência e da deliberação, e os professores aprendem quando têm oportunidade de refletir sobre o que fazem”. (p. 15)

Pode-se perceber esse momento de avaliação, de identificação de dificuldades e de potencialidades na própria prática, em alguns relatos tais como:

“Nós percebemos alguns erros de nossa parte, porque eu creio que a gente poderia explorar muito os alunos e não conseguiu alcançar aquele tipo de pergunta. Então a gente achava que estava num nível bom, mas não estava.” (Relato 3)

Observa-se ainda que em algumas exposições, os graduandos demonstram um olhar mais transigente, tanto em relação à sua própria prática, quanto no que diz respeito às atitudes do professor supervisor. Acredita-se, em virtude do fato de que somente no momento do estágio de regência os estagiários conseguem, com efeito, colocarem-se no lugar do outro.

Referindo-se à prática do outro:

“[...] com relação à associação de linguagem, a gente vai falar não pra julgar a professora, mas pra construir o perfil dela.” (Relato 1)

“Algumas vezes o texto era usado como pretexto pra trabalhar gramática, e outras vezes não. Mas era assim, ela sempre foi muito lutadora assim... Ela tentava né”. (Relato 1)

“Ela preza pela participação do aluno, a gente vê que ela tenta fazer... Todo trabalho dela tá encaixado e ela acha que é o melhor, o mais correto de fazer... (inaudível)... E a gente acha isso um ponto positivo. Apesar de muitas vezes ela se remeter a questões estruturais... Fazer algumas cópias desnecessárias... E enfim... Haver aquele ensino de pronome, verbo (inaudível)... Mas, pelas atividades a gente vê que ela tenta conciliar pra o lado daquilo que ela aprendeu também”.

Referindo-se à própria prática:

“Então, esse foi o grande desafio. E vocês vão ver que deu errado... Eu não consegui... Eu não consegui fazer com que aqueles meninos entendessem. Eles não prestavam atenção, né.” (Relato 1)

“E passou mais uma aula e eu não consegui fazer nada. E eu só lembrando de tudo que eu observei durante todo esse período.”

(Relato 1)

“A gente sentiu dificuldade de deixar o aluno falar, aproveitar o tempo e cumprir a função do professor de mediar e ser bom professor sem esquecer a nossa posição de autoridade”. (Relato 4)

2.3 Critério III: A contribuição do estágio para a formação profissional do estudante de Letras e os sentidos que o estagiário atribui ao vivido

A constatação da contribuição do estágio para a formação profissional e a observação, através das exposições, dos sentidos que os estagiários atribuem ao vivido foi um ponto especial da análise, dado que afirmações muito semelhantes são feitas em todos os relatos.

“Foi quando eu olhei pra mim e disse ‘É isso mesmo que eu quero!’”

(Relato 1)

“O estágio foi um momento para a gente se descobrir: que tipo de professor quero ser?” (Relato 4)

“O estágio inteiro foi sentindo na pele, foi a gente percebendo que podemos fazer dos livros uma aula de verdade.” (Relato 4)

Com base nas experiências observadas, confirma-se o estágio como um momento singular de aprendizagem e de identificação profissional. Porquanto, embora as experiências sejam diversas, essa concepção ganha vida na voz dos futuros professores.

2.4 Critério IV: A capacidade propositiva do estagiário frente às situações vividas na escola, prioritariamente aquelas que envolvem decisões sobre o quê, para quê e como ensinar-avaliar

Frases como “E agora? Como é que eu vou fazer?” são recorrentes nos relatos dos estagiários. O estágio é, por certo, um momento único de aprendizado que está intrinsecamente ligado ao contato com os desafios empreendidos singularmente na

experiência prática do ensino cujas situações são imprevisíveis. Ao professor cabe, por conseguinte, a incumbência de aprender a lidar com o “inabarcável”, as situações inesperadas que o esperam a cada aula.

Falar na atitude do professor importa porque ela recobre os intervalos que toda técnica forçosamente deixa a descoberto: ela é o único artifício de que dispomos para lidar com o unabarcável do cotidiano, com os desafios da prática. Vale a pena assumir o risco de afirmar que é por meio de atitudes, e não de técnicas, que um conhecimento tem qualquer possibilidade de transmitir-se, de passar adiante ao se escrever na relação entre o professor e o aluno. Falar em atitudes é, portanto, falar da maneira como se resolvem esses episódios esporádicos que pontuam o cotidiano da sala de aula, nos quais as demandas dos sujeitos ganham expressão na forma de perguntas deslocadas, erros surpreendentes, esquecimentos, repetições etc. (FAIRCHILD; 2009, p. 498)

Em todas as exposições há situações onde os estagiários se deparam com situações inesperadas, constituinte inalterável da docência. Assim como se pode verificar nos relatos a seguir:

“E eu fazia: ‘O que é que eu vou fazer?’ Aí a gente tem que pensar rápido nessa hora’.” (Relato 1)

“[...] tinha um aluno que ele era surdo. E a gente ficou sem saber o que fazer... Não tinha pensado... Pouco tempo depois que a gente tinha feito o planejamento, a gente... Meu Deus! Como é que a gente vai fazer oralidade com um surdo?” (Relato 3)

“[...] eu fiquei, sabe aquele segundo que você não sabe o que fazer? E eu disse: tá, vamos falar, aí eles falaram rapidamente sobre.” (Relato 4)

“Mas na hora do debate, que eu disse: ‘Agora vamos abrir a roda, vamos falar um pouquinho o que é que vocês acharam... Vocês têm alguma coisa pra acrescentar?’. Ninguém disse nada. Aí eu tive que mudar a rota. Bora escrever, então, né? Vocês adoram escrever”. (Relato 1)

“[...] foram três imagens, nós tínhamos levado mais, mas, como eles falam muito, a gente diminuiu. A gente precisou lidar com esses imprevistos, aprendeu na marra ali, a gente planeja uma coisa, aí não rola”. (Relato 3)

Os professores em formação precisaram aprender aquilo de que as técnicas em si mesmas não conseguem dar conta: a capacidade de tomar decisões.

2.5 Critério V: O papel do professor supervisor na construção da prática do professor em formação

A postura do professor supervisor se reflete na prática do professor aprendiz e foi enfocada (positiva ou negativamente) em todos os relatos. Como se pode constatar nos dois relatos a seguir:

“[...] a professora supervisora, ela não ficou comigo na sala o tempo inteiro. Tinha hora que eu dizia: ‘Meu Deus do céu, talvez, se ela estivesse aqui, talvez eles respeitassem mais...’ Porque quando ela dissesse: ‘Gente!’, eles iam respeitar mais. Eu tinha acabado de cair de paraquedas... Eu era novinha, né, ali... E eles não me respeitavam muito, isso é uma verdade”. (Relato 1)

“Durante todo o período de estágio discutimos muito nossas observações práticas e mais ainda as considerações pontuadas pelo professor supervisor. Ele nos assistiu integralmente, com comentários nos finais das aulas, com os encontros online e com auxílio na elaboração do projeto didático, porque ele ajudou a gente também, o que nos enriqueceu como aprendizes, a experiência despertou o desejo de construir nossa identidade como professoras de Língua Portuguesa.” (Relato 2)

Para a estagiária do relato 1 essa relação se dá de maneira mais conflituosa, uma vez que a professora supervisora é retratada como ausente. Enquanto que para as estagiárias do relato 2 o apoio e assistência do professor supervisor foi indispensável tanto para a experiência docente quanto para a construção da identidade profissional das graduandas.

O acompanhamento do professor supervisor e a relação deste com o professor em formação foi um ponto significativo no que diz respeito à postura do estagiário em relação ao seu objeto de ensino.

A estagiária 1, que vimos dando pouca ênfase aos saberes disciplinares, relata que a professora supervisora não a acompanhava:

“Aí a professora supervisora, ela não ficou comigo na sala o tempo inteiro. Tinha hora que eu dizia “Meu Deus do céu, talvez se ela tivesse aqui eles respeitassem mais... Porque quando ela dissesse “Gente!”, eles iam respeitar mais. Eu tinha acabado de cair de paraquedas... Eu era novinha, né, ali... E eles não me respeitavam muito, isso é uma verdade”. (Relato 1)

Em contraposição, observa-se na exposição das estagiárias do relato 2 que a assistência do professor supervisor é fundamental para que se tenha melhor desempenho no que concerne ao ensino de língua:

“Em termos de tópicos de análise linguística ele nos deu as seguintes opções: pronomes indefinidos, possessivos, interrogativos, relativos, advérbios e verbos e nos deu a liberdade para escolhermos o recorte mais interessante do ponto de visto do trabalho com o gênero”

“Nós determinamos que o trabalho com reportagem abrangeria o estudo dos advérbios, por que a gente pensou em advérbios? Porque a gente acha que os advérbios iam permitir que eles entendessem lendo os textos como as escolhas lexicais do autor revelam seus pensamentos ideológicos, como a mídia influencia sem a gente perceber, a gente achou que os advérbios iam nos ajudar nesse ponto de vista” (Relato 2)

A relação, boa ou má, com o professor supervisor tem impacto direto na prática do estagiário. Felício e Oliveira, 2008, assinalam que

“[...] em muitos casos, a parceria, professor estagiário é uma situação delicada e conflituosa na realização dos estágios, uma vez que a relação entre profissionais e estagiários ainda não é vista como uma situação de complementaridade, de interdependência entre os indivíduos envolvidos no processo para construção de conhecimento”. (p. 226)

Ou seja, esse ambiente de conflito é comum na medida em que os professores do ensino básico, que recebem os estagiários, e eles mesmos, os próprios estagiários, ainda não se veem como partícipes em uma relação de interdependência. Não obstante, essa participação complementar é de total relevância para que o futuro professor conquiste o que de melhor se pode absorver do estágio.

3. CONCLUSÕES

O estágio é, certamente, um momento singular no curso de licenciatura, cujos aprendizados vão além da mera aplicação, na prática, das teorias aprendidas no curso de letras. O próprio estágio tem sua teoria específica, sendo este um campo frutífero para o estudo e a pesquisa. É por isso que teoria e prática não podem ser dissociadas. Conforme Santos (2004) apud Felício e Oliveira (2008)

“Entender a prática enquanto práxis é assumir a indissolubilidade entre a teoria e a prática. Ou seja, é compreender que, na mesma atividade, coexistem as dimensões teórica e prática da realidade na qual o professor edifica a sua identidade a partir de um movimento de alternância, que se constrói entre o saber e o saber fazer, entre situação de formação e situação de trabalho” (p.221)

No tocante a esse momento de edificação de identidade, pudemos, através dos relatos, observar que o estágio foi confirmado como a ocasião favorável para a reflexão na e sobre a prática através da qual o licenciando tem a oportunidade de aprender a avaliar e reavaliar sua própria prática. A partir daí, o futuro professor se (re)afirma como tal.

O professor supervisor tem fundamental importância nesse processo de (re)afirmação e constituição da identidade profissional do estagiário. Percebemos o papel significativo dele no sentido de orientar a prática do estagiário em seu período de regência.

Verificamos que demandas e questões emergenciais da escola em diversos aspectos acabam por tirar o foco dos estagiários daquilo que os constitui como professores de português (saberes disciplinares, definidores do objeto de ensino). Correlatamente, os licenciandos apresentam dificuldades quanto à elaboração didática dos conteúdos específicos da sua área de formação.

Ressaltamos ainda a necessidade de mais pesquisas voltadas para o estágio curricular, mais especificamente para o planejamento e a elaboração didática dos objetos de ensino e dos saberes da área de referência, e ainda para o professor supervisor enquanto sujeito singular e sua relação com o estagiário. Visto que tais pesquisas podem contribuir significativamente para o aperfeiçoamento dos cursos de formação de professores.

4. REFERÊNCIAS

DINIZ-PEREIRA, Júlio E. A epistemologia da experiência na formação de professores: primeiras aproximações. In: **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 02, n. 02, p. 83-93, jan./jul. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em 24-02-2014.

FAIRCHILD, Thomas Massao. Conhecimento técnico e atitude no ensino de língua portuguesa. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 495-507, set./dez. 2009.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 32, p.215-232, jan. 2008.

GARCIA, Carlos Marcelo. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p.11-49, 2010. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. In: **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 74, p. 121-142, abr. 2001.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. In: Revista **Póiesis** –Volume 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2006.

SIQUEIRA, Regina Aparecida R. e MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. Reflexão e ações na formação e atuação do professor de língua portuguesa: o diálogo como condição de autoria na prática educativa. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.11, n.2, p. 377-392, jul./dez. 2008.